

António Augusto Tavares

Os primeiros arquitectos conhecidos e o seu legado

Resumo:

Neste estudo sobre os primórdios da arquitectura, indicamos os nomes de dezassete arquitectos da Antiguidade pré-clássica (Egipto e Mesopotâmia) e da Antiguidade Clássica (Grécia e Roma). Apontam-se as suas obras de referência, salientando, quando for o caso, as suas inovações. Alguns exemplos: o uso da pedra e da forma escalonada da pirâmide Imohtep em Sacara; o uso de colunas proto-dóricas pelo arquitecto Senmut em Deir-el-Bahari; a utilização do arco e da abóbada no palácio de Domiciano em Roma pelo arquitecto Rabirio, etc. No legado destes primórdios da arquitectura são dignas de registo várias técnicas que perduram até ao presente: a iluminação clerestórica do templo de Karnak (muito utilizada nas catedrais góticas medievais); a "entasis" que foi usada por Calícrates no Partenon em Atenas e usada na arquitectura renascentista; a quadrícula de Hipódamo de Mileto como prática urbanística frequente.

Abstract:

In this study about the origins of architecture, we indicated the names of seventeen architects of the pre-classical Antiquity (Egypt and Mesopotamia) and of the Classic Antiquity (Greece and Rome). In their reference works are pointing out their innovations. Some examples: the usage of stone and the stepped form of the pyramid by Imohtep in Sacara; the usage of proto-doric columns by the architect Senmut in Deir-el-Bahari; the use of the arch and of the vault in the Dominiano Palace in Rome from the architect Rabirio, etc. In the legacy of these origins of architecture are worthy of register the diverse techniques that last long to the present: the clerk-story illumination of the temple of Karnak (very used in the medieval Gothic cathedrals); the "entasis" that was used by Calícrates on Partenon in Athena and was used in the renaissance architecture; the square grid of Hipódamo of Mileto as a frequent town planning practice.

1. Introdução

O objecto deste estudo é claro: indicar os nomes dos primeiros arquitectos conhecidos na História, sem perdermos de vista que muitos outros existiram. Além dos nomes, pretendemos referir as suas obras que influenciaram a arquitectura do futuro. Não se trata de um elenco exaustivo dos primeiros arquitectos nem será possível evocar todas as suas obras mas apenas aquelas que são referências que nos chegam dos primórdios da arquitectura, e integram o legado do património cultural da Antiguidade.

Os limites espaciais a que nos propomos são as Civilizações Pré-clássicas, com predomínio para o Egipto e a Mesopotâmia, e as Civilizações Clássicas, em que se distinguiu a Grécia e Roma. São épocas designadas por históricas, por já existir a escrita. Os seus nomes e obras puderam por isso ser registados em textos que alguém escreveu. Por isso, permaneceu a memória de alguns arquitectos e nalguns casos perduraram as suas obras, que ultrapassaram milénios, podendo ainda hoje ser admiradas.

Mas é conveniente observarmos que a arquitectura nasceu muito antes da escrita, pois esta apenas aparece nos fins do quarto milénio a.C., no sul da Mesopotâmia e pouco depois no Egipto.

Efectivamente a arquitectura começou na pré-história, durante o Neolítico, bem testemunhado no Médio Oriente já no oitavo milénio a.C. e no nosso território a partir dos finais do quinto milénio a.C. Anteriormente, o homem era nómada e recolector, não havendo condições para uma construção que possa classificar-se como obra arquitectónica. Esta de facto, supõe já a fase da sedentarização.

Uma gruta onde o homem se escondia das feras e utilizava como habitação ou afeiçoava para lhe servir de santuário, ou o esconderijo que o nómada encontrava no meio do bosque e lhe servia de abrigo transitório e efémero, não entram na categoria

de arquitectura. Para uma obra merecer essa designação, tem de se caracterizar por três qualidades que Vitruvius ([s.d., séc. I a.C.] 2006), arquitecto romano do primeiro século da nossa era, enumerou com pertinência: venustas, firmitas, utilitas ou seja deverá ser bela, robusta e útil.

A obra arquitectónica, com estas características, é exclusiva dos humanos, ao passo que outra construção não o será. Os animais podem ocupar as suas tocas, as aves podem “construir” os ninhos, as abelhas podem fazer os favos do mel, mas os irracionais usam desde sempre os mesmos materiais, repetem os mesmos processos, têm sempre o mesmo sentido de espaço. Tudo aí é imutável, como poderemos constatar se percorrermos, numa análise atenta, todos os séculos e milénios do passado. Só os humanos têm a capacidade de inovar, de alterar, de criar.

Nós poderemos descobrir e conhecer, por hipótese, todo o passado humano desde o mais remoto Paleolítico até aos nossos dias, mas, se tal fosse possível, haveríamos de constatar que só os humanos avançaram pelos caminhos do progresso, que necessariamente prosseguirá enquanto, na terra, existir a humanidade. E é certo também que, apesar de a história ter as suas leis, não teremos possibilidade de estabelecer os limites do futuro neste processo civilizacional.

A arquitectura é a prova evidente deste processo no decurso da História, nas suas diversas épocas. É algo que está sempre em constante mutação e nunca está terminada. Se, por absurdo, pudéssemos escrever a “história” do futuro, concluiríamos necessariamente que o porvir, o amanhã será diferente.

2. Arquitectura na Pré-história

É impossível recordar nomes de arquitectos da Pré-história, mas não podemos ignorar que existem obras arquitectónicas pré-históricas. E logicamente havemos de concluir com o antigo filósofo: “se existe o relógio, existiu o relojoeiro”, se existe arquitectura,

existiram arquitectos.

Na Pré-história, houve homens que criaram algo de novo, “arquitectos”, autores responsáveis por tais obras, cujo nome desconhecemos. Arquitectos foram os que projectaram a construção dos dólmenes, grandes ou pequenos que existem no território português ou os técnicos responsáveis pelas robustas muralhas dos povoados do Calcolítico, como por exemplo o de Vila Nova de S. Pedro, perto do Zambujal, ou o de Leceia, nas proximidades de Oeiras. São obras, que certamente exigiram a participação de um grupo de pessoas, sob a direcção de alguém que desempenhava, a seu modo e dentro das limitações da época, as funções de arquitecto ou de mestre-de-obras.

E se deixarmos o nosso território e visitarmos as ruínas das primeiras cidades pré-históricas do Médio Oriente, que pensaremos nós dos responsáveis por tais construções? Vejamos por exemplo o caso de Jericó, do oitavo milénio a.C., com as suas muralhas e a torre de defesa, que é considerada por K. Kenyon, famosa arqueóloga inglesa que aí dirigiu as últimas escavações arqueológicas, como a mais antiga cidade. Mas não pensemos que é caso único no Médio Oriente Antigo. Outras cidades reivindicam idêntica antiguidade ou se aproximam da mesma data, como é o caso de Çatal-Huyuk na região da antiga Anatólia, na actual Turquia, ou de Jarmo, na margem oriental do rio Tigre.

3. As primeiras Cidades da Época Histórica

É bem conhecido pela Arqueologia e pela primeira documentação escrita o surto de urbanismo, no sul da Mesopotâmia que surge a partir do início do quarto milénio a.C. e se desenvolve por todo esse milénio e durante o milénio seguinte. De facto, quando chegamos ao início do III milénio, já se contam por dezenas as cidades com uma população na ordem de vários milhares de habitantes, situadas entre os rios Eufrates e Tigre. Foi nessas terras de “entre-os-rios”, tal o significado da palavra grega “Mesopotâmia” (actual Iraque) que nasceu a escrita nos fins do quarto milénio a.C.

Poderemos nós perguntar onde ficaram os registos de urbanistas, de arquitectos, de mestres-pedreiros, responsáveis por tais obras. Não existem, mas a verdade é que, milénios depois podem ser admiradas pelo seu plano urbanístico, pelas suas muralhas com portas imponentes, que davam prestígio ao soberano e impunham o respeito e a admiração aos reis vizinhos e aos inimigos, pelos seus palácios, templos e torres de degraus, as conhecidas zigurates. Perdeu-se totalmente a memória dos seus autores, apesar de ficarem as obras que o curso do tempo não fez desaparecer totalmente

4. No Egipto, os primeiros Arquitectos

É na arquitectura que se praticou nas margens do Nilo, um pouco posterior à da Mesopotâmia, que vamos encontrar as primeiras informações sobre arquitectos. E aquele que tem a honra de ocupar o primeiro lugar é Imhotep.

Foi ele o construtor da pirâmide dos degraus, destinada ao túmulo de Djoser, faraó da terceira dinastia, pelo século 27 a.C. Não sendo esse faraó o primeiro da terceira dinastia, foi provavelmente o primeiro pela sua importância no Império Antigo (entre 2635 e 2540 a.C.). Empreendeu uma política de centralização da administração do país e para tal resolveu fazer-se ajudar por um primeiro ministro, a quem designamos por vizir. Foi Imhotep, quem desempenhou essas altas funções.

Possuímos, a respeito deste vizir, algumas preciosas informações que nos vêm especialmente de Maneton, sacerdote e historiador egípcio do terceiro século a.C. Sabemos que Imhotep é apresentado como um sábio egípcio que se distinguiu pelos seus conhecimentos de matemática, de astronomia e de medicina. Quanto a este último aspecto é bem significativo o testemunho que nos vem do próprio historiador egípcio, ao informar-nos que foi “médico dos tempos de Djoser”. Foi extraordinária a fama que alcançou como médico, chegando a ser heroicizado pela tradição e mesmo divinizado pelos Gregos que o identificaram com Esculápio, deus da medicina.

A nós interessa-nos principalmente como arquitecto. Ao serviço do faraó reinante, que o escolhera para seu vizir, idealizou para o seu senhor um monumento funerário diferente daqueles que eram destinados a outras figuras da época, como eram os soberanos do Egipto. É o responsável pela pirâmide dos degraus, que inicialmente começou por ser uma mastaba, ou seja uma grande massa de forma rectangular, à maneira de uma banquetta. Sobre essa, foram-se sobrepondo outras cinco, em forma decrescente, atingindo finalmente a altura de 60 m. Esta pirâmide reproduz a residência real em Mênfis: um vestíbulo de entrada, a sala do trono, o pavilhão de festas e edifícios administrativos, tudo circundado pelo vasto muro rectangular que separa o conjunto do restante. Tal foi a morada eterna que Imhotep pretendeu assegurar a Djoser, faraó a quem servira em vida.

Nesta pirâmide que ainda hoje se admira em Sacara, introduziu duas inovações consideráveis que a tornam diferente das outras: a sua forma escalonada e a utilização de novos materiais⁶². Efectivamente em vez de usar o tijolo cru, como era hábito, preferiu utilizar a pedra. Talvez assim se pudesse afirmar com maior precisão que a pirâmide é mais forte que o tempo e se justificasse o adágio egípcio “o tempo teme as pirâmides”.

62 Ver, entre outros, Tavares (1995, p. 161).

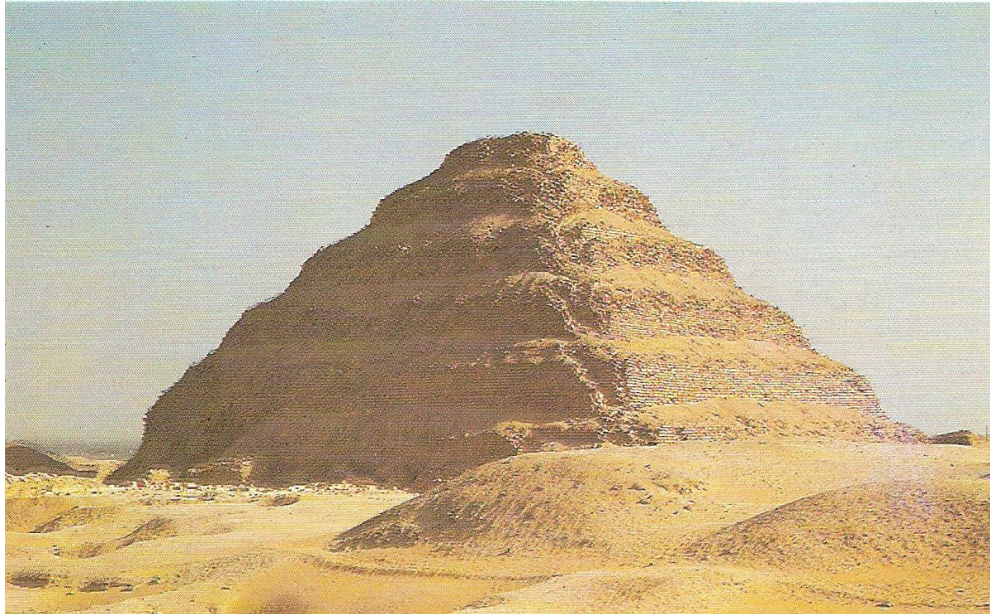


Figura 1 - Pirâmide de Djoser em Sacara

5. Ineny, arquitecto de Tutmósis I

Se no Império Antigo se construíram as pirâmides, como foi o caso de Sacara e de Guizé, o Império Novo (1554-1070 a.C.) haveria de caracterizar-se pela construção dos grandes templos, entre os quais se distinguem os de Karnac e de Luxor. Mas tal como se vêem na actualidade são o resultado de centenas de anos de trabalhos que se foram prolongando no tempo. Em muitos casos não nos é possível indicar o início e muito menos apontar os nomes dos seus arquitectos. Temos entretanto uma agradável excepção com o arquitecto Ineny.

É este o nome de alguém que deixou a sua marca como arquitecto nas grandiosas

obras do reinado de Tutmósis I (1525-1512 a.C.). Foi ele o responsável pela muralha que esse faraó mandou construir em volta do grandioso templo de Karnak, templo cujas origens remontavam ao Império Antigo. Além da muralha, acrescentou ao templo um pátio de entrada rodeado por colunas e estátuas de Osíris. O próprio Ineny deixou-nos gravadas nas paredes do seu túmulo preciosas informações de que registamos este pormenor:

Eu supervisionava os grandes monumentos que ele (o faraó) mandou construir em Karnak, erigindo uma sala com colunas, construindo grandes pilones, com preciosa pedra branca de Ayn (...) Eu supervisionava a erecção da grande porta (...) Amon é o Único Poderoso da força (...) cuja folha da grande porta é de cobre asiático, e sobre o qual está a sombra de Min modelada de ouro (Kostof [1985] 1988, p. 152).

Poderemos não compreender bem o significado de algumas expressões específicas da linguagem e cultura egípcia, mas tomamos pelo menos conhecimento de que as grandes obras que concluíram o templo inicial do Império Novo se devem a Tutmósis I que tinha como arquitecto Ineny.

6. Senmut, arquitecto da Rainha Hatshepsut

É bem conhecida na história do Egipto a figura ímpar de Hatshepsut, filha de Tutmósis I, que terá reinado entre 1503 e 1482 a.C. Há quem goste de a recordar como a “rainha barbada”, isto porque nas suas funções oficiais como faraó do Egipto usava as barbas postiças próprias dos soberanos, que foram sempre homens.

Recordemos o essencial: após a morte do faraó Tutmósis II, ela assumiu a regência do

reino enquanto rainha viúva, visto que o herdeiro do trono era muito novo. Na realidade, porém, não se tratou de uma regência mas de um reinado que durou 22 anos, contando para isso com o apoio dos sacerdotes de Amon. Foi um reinado tranquilo do ponto de vista militar e teve grande importância pelas expedições comerciais para o estrangeiro, designadamente para o Punt, um mítico país, provavelmente a actual Somália. É neste contexto de reinado longo, a que se agarrou e dificilmente entregou ao filho Tutmósis III a quem o trono pertencia por direito, que devemos ver a rainha-faraó empenhada na construção do templo funerário de Deir el-Bahari, perto de Luxor.

Contou para isso com o seu arquitecto e favorito Senmut. Deu-lhe instruções pormenorizadas acerca do lugar onde desejava edificar um palácio para Amon, que devia evocar a mítica morada dos deuses no Punt, o país para onde enviara uma expedição com a intenção de trazer daí árvores de mirra para os jardins escalonados do “paraíso de Amon”. Foi uma expedição que trouxe para o Egipto consideráveis riquezas, como ouro, marfim, incenso, aves exóticas e várias árvores. A história desta expedição ficou aliás representada em pintura no templo de que vamos falar.

Esta mulher-faraó teve um reinado próspero, tal como iria ter o seu filho e sucessor, quando lhe foi possível chegar ao trono. Hatshepsut mandou edificar um dos templos mais belos e mais famosos do Egipto, em Deir el-Bahari. O seu arquitecto, Senmut, construiu esse templo funerário não só na encosta mas penetrando mesmo para o interior da montanha. Nos acessos à esplanada, usou colunas “proto-dóricas”, uma total novidade no Egipto, modelo que a arquitectura grega iria retomar e aperfeiçoar.



Figura 2 - Templo de Deir el-Bahari

No interior do templo, não longe da entrada, deixou um grande baixo-relevo onde descreve, com imaginação muito arrojada, o processo da geração e nascimento de Hatshepsut. Desejava obviamente defender a todo o custo o direito ao trono para a sua rainha, que provavelmente para ele era mais do que isso. Para isso idealiza como ela fora gerada fisicamente pelo próprio deus Amon, que teria assumido a forma humana do faraó para ter uma relação sexual com a mãe. Desta forma, apesar de ser mulher, Hatshepsut fora destinada, a partir da própria gestação e nascimento para ser faraó. Temos aqui um dos exemplos mais exacerbados de propaganda real que se ficou a dever a Senmut, o arquitecto favorito da rainha.

7. Gudeia, arquitecto na Mesopotâmia

As cidades do sul da Mesopotâmia no IV milénio a.C., já eram consideráveis pelo seu tamanho, pelas poderosas muralhas que as circundavam, pelos templos e sobretudo pelo seu monumento de referência, a zigurate. Mas também aqui nos falta informação sobre os arquitectos que planearam e criaram essas obras, apesar de o aparecimento da escrita ser contemporâneo do surto de urbanização que aí se verificou desde o quarto milénio a.C. É justo referirmos, apesar de tudo, o nome de Gudeia, príncipe de Lagash, pois é conhecido também como arquitecto.

Existem no museu do Louvre em Paris vinte estátuas deste príncipe, dezassete das quais têm o seu nome. Sentado ou de pé, o príncipe é representado em oração, com as mãos juntas, usando por vezes um pano drapeado sobre o braço esquerdo. Digamos que a sua figura é inconfundível pelas suas feições físicas, pela sua coroa em forma de gorro e pelas vestes que usa. A estatuária deste “príncipe”, soberano do reino de Lagash, é muito característica. Pretende evocar a piedade que se espera do príncipe e, para além disso, Gudeia aparece também lembrado como rei-construtor, fazendo-se representar e designar como arquitecto. Numa das suas estátuas, ele mostra o plano do templo que vai construir. Aí se lê uma longa inscrição que relata a construção do templo dedicado ao seu deus⁶³.

63 Ver AAVV. 1998, p. 45).



Figuras 3 e 4 – Gudeia, o arquitecto

A estátua não tem cabeça mas não há dúvida em identificá-la, pois não difere de outra que representa Gudeia como arquitecto, sentado, tendo sobre os joelhos o plano da sua construção.

Apesar de existirem monumentos notáveis na Mesopotâmia como são designadamente as zigurates, que são obras paradigmáticas da arquitectura nas antigas cidades, não nos é possível conhecer os nomes dos seus arquitectos. Vamos, por isso deixar os países do Médio Oriente Antigo para entrarmos na Grécia e em Roma, países mediterrânicos, onde vão mergulhar as raízes da arquitectura ocidental.

8. Arquitectos da Grécia Antiga

Quando falamos da Grécia Clássica, vem-nos de imediato ao pensamento a acrópole de Atenas, a parte mais elevada da cidade, a zona sagrada destinada aos deuses. Aí se

distingue o Pártenon, o grandioso templo dedicado à Virgem Atena, a deusa guardiã da cidade que mantém o seu nome. É obra do século V (490-480 a.C.), o século de Péricles. Foi ele que encarregou o escultor Fídias de promover a reconstrução dos templos que tinham sido queimados e destruídos pelos invasores persas. Fídias convidou para tal os dois arquitectos Ictinos e Calícrates que usaram de todas as técnicas de construção então conhecidas e se fizeram rodear de excelentes pedreiros para uma obra de tanta importância. É sobretudo na colonata que cerca o templo nas quatro faces do exterior que admiramos a técnica e a arte destes arquitectos.

Procurando sempre a estética, eles usaram de uma técnica muito própria designada pelo vocábulo grego entasis, adelgaçando ou engrossando ligeiramente as colunas, de modo a conseguirem uma certa ilusão óptica que favorece a harmonia do conjunto. Deixaram-nos um magnífico templo dórico que iria influenciar a arquitectura do futuro, mormente na Renascença.



Figura 5 – Acrópole e Pártenon em Atenas

A arquitectura e a escultura usadas em conjunto nos templos eram a expressão da prosperidade e glória das cidades gregas. Em Atenas adorava-se Atena; em Samos, adorava-se Hera; em Corinto, Apolo, em Éfeso, Artemisa. Embora cada cidade tivesse especial ligação à sua divindade, em qualquer parte onde existisse um templo, este, com as suas estátuas era símbolo da união de todos os Gregos. Na prática, o templo era simultaneamente edifício religioso e cívico.

Na arquitectura da antiga Grécia, admiramos os templos e também os teatros e temos preciosas informações sobre alguns dos seus arquitectos. Um desses teatros que se

pode admirar nas proximidades da Acrópole é o de Epidauro, obra de Policleto, o Jovem, escultor e arquitecto. Foi construído entre 350 e 330 a.C. e ainda hoje é utilizado e admirado pela sua excepcional acústica e pela disposição do espaço destinado ao público, podendo acolher 14.000 pessoas sentadas, que podem ver de frente a orquestra e a cena.

Ainda no século V a.C. a Acrópole seria enriquecida com outros edifícios. Péricles convidou o arquitecto Mnésicles para construir o Propileus, o grande edifício que foi levantado sobre um terreno inclinado e irregular na subida para a Acrópole assim como também foi convidado Filoctetes, outro arquitecto, a trabalhar na Acrópole, ficando o seu nome associado à construção do Erecteion, nome que tem a sua origem em Erecteu, antigo rei lendário, porventura divinizado. A sua construção situa-se entre 421 e 405 a.C.

Na Grécia, o arquitecto era muitas vezes também escultor e um bom exemplo é o de Teodoro de Samos, a quem Kersifron foi pedir informações sobre a possível estabilidade do templo de Artemisa, em Éfeso, uma vez que estava encarregado de o construir num lugar pantanoso e era necessário que os blocos de pedra não se afundassem. Não sabemos interpretar com precisão, qual foi o conselho ou informação que lhe deu esse mestre, mas parece que lhe terá aconselhado uma camada de cinzas de carvão vegetal nos alicerces.

O que quer que fosse resultou. Kersifron teve êxito no seu trabalho e, por isso, escreveu depois um livro a contar a sua experiência e a referir o que lhe ensinara o mestre Teodoro, da ilha de Samos⁶⁴.

Como estamos a ver por este exemplo do templo de Éfeso, quando falamos da Grécia antiga, não podemos fixar-nos apenas em Atenas, na sua famosa acrópole, ou seja, a

64 Ver sobre este tema, Glancey (2001, p. 26-27) e Kostof ([1985] 1988, p. 214-216).

cidade sagrada pelos seus templos, ou na agora, grande praça circundada pela stoa, a colonata tão apreciada pelos arquitectos gregos, temos de ir para as cidades das costas da Ásia Menor, sobre o mar Egeu onde haveremos de fazer uma especial referência à importância atribuída à geometria, que teve a sua origem nesta região da Grécia oriental.

E aqui temos de passar obrigatoriamente por Mileto cujo plano urbanístico ficou indelevelmente associado a Hipódamo, famoso arquitecto e urbanista, que exerceu a sua actividade a partir de 479 a.C. Para o plano da cidade usou a quadrícula, “a mais sofisticada da Antiguidade”. Aristóteles pôde mesmo afirmar a respeito de Hipódamo que fora ele quem inventara a divisão das cidades. Pode não ter inventado a quadrícula, mas recomenda um tipo especial de retícula que combinou com uma teoria social de urbanismo.

Depois deste arquitecto e urbanista, começou a impor-se a “planta hipodâmica”. A cidade apresenta uma planta regular com uma série de ruas paralelas que se cruzam com outras em ângulo recto. Já não bastava projectar o edifício em si mas incorporá-lo no conjunto, buscando perspectivas e adoptando o conceito de praça e de espaços públicos.

A cidade ideal, segundo Hipódamo, deveria ter 10.000 habitantes, divididos em três classes: artesãos, agricultores e soldados. Por sua vez, o espaço urbano deveria constar de três partes: a área sagrada, a pública e a privada. Recordemos que antes de aplicar estes conceitos de urbanismo em Mileto já os tinha aplicado em Rodes, como consta da tradição (Kostof, [1985] 1988, p. 250).

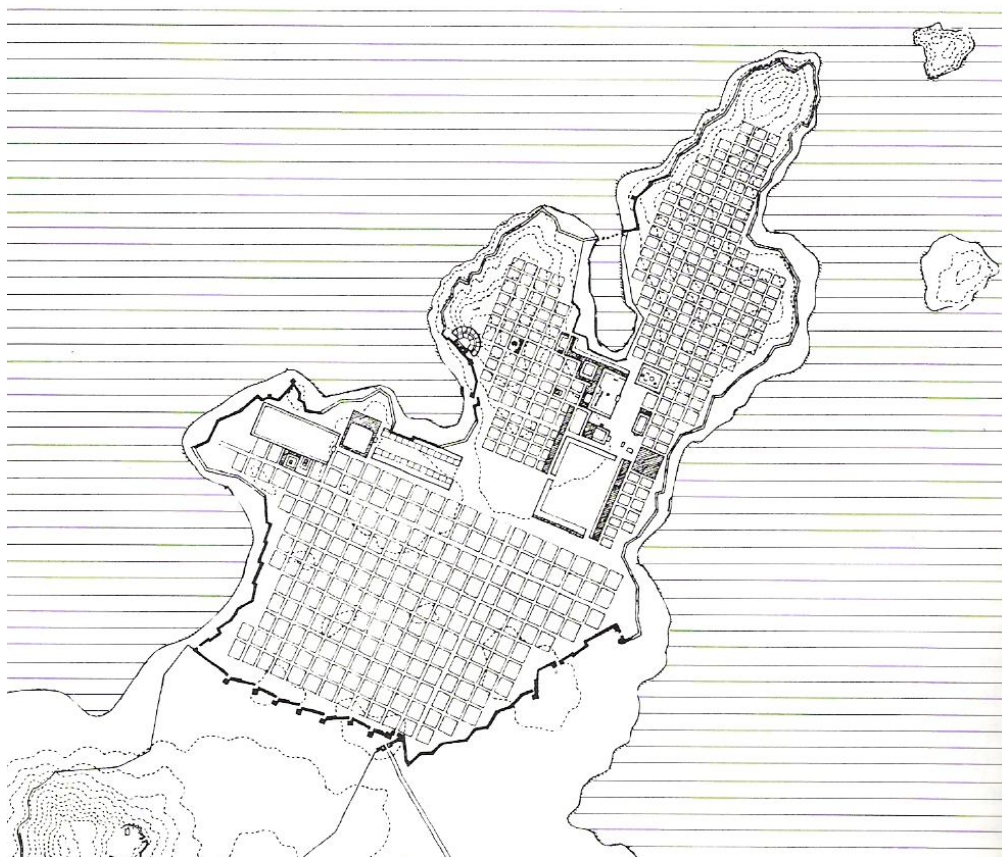


Figura 6 – Planta Hipodâmica de Mileto

Antes de sairmos da Grécia, é justo recordarmos ainda os nomes de Trofónio e Agamedes, arquitectos cujos nomes ficaram associados à construção do primeiro templo de Apolo, em Delfos.

Outros dois arquitectos gregos, pertencentes já ao mundo romano, merecem também

ser referidos, pois os seus nomes ficaram associados à construção da cúpula de Santa Sofia em Constantinopla, entre 532 e 537d.C. São Antemos de Trales e Isidoro de Mileto. Digamos, entretanto, que essa famosa cúpula se afasta já do classicismo greco-romano, pois as colunas ostentam capitéis com decoração vegetalista e linhas serpentiformes. A sua imponência e beleza fazia imaginar que estava suspensa do céu por cordões de ouro, como comentavam autores antigos.

9. Architectos de Roma

Como é bem conhecido, Roma, com os seus exércitos, subjugou a Grécia, mas foi esta que venceu os Romanos pela força da sua cultura, como judiciosamente observou Terêncio: “A Grécia vencida venceu o feroz vencedor e levou as artes para o rústico Lácio”. Roma é pois a continuadora da cultura grega, um tema que poderia ser largamente desenvolvido, mas não é esse agora o nosso objectivo⁶⁵.

No próprio urbanismo, Roma aceitou o modelo grego de cidade com planta rectangular, apesar de as suas cidades terem como origem os acampamentos militares. As cidades novas são concebidas como um quadrado onde se forma uma cruz com os dois eixos principais: o cardo com a orientação N/S e o decumanus no sentido E/O. O foro, grande praça pública, surgia de maneira natural no centro da cruz, onde também se implantariam os edifícios públicos fundamentais. Se na cidade grega havia uma lógica de conjunto e de harmonia no seu urbanismo, com a zona sagrada caracterizada pelos seus templos, a agora destinada à vida pública e a zona doméstica destinada às habitações, também em Roma existiu um plano urbanístico, onde ocupa lugar de destaque a parte monumental, como expressão da sua grandeza de capital do mundo na época do império.

É esta a cidade de Vitróvio, arquitecto e famoso tratadista da Antiguidade. Tendo

65 TAVARES (1988, p. 111).

nascido na segunda metade do século que precedeu o nascimento de Cristo, foi na última parte desse século e no primeiro da nossa era que ele exerceu a sua actividade. O seu nome próprio foi seguramente Vitrúvio, mas duvida-se se o nome completo não seria Marco Vitrúvio Pólio (Polião?) Da sua vida, ele mesmo nos dá algumas informações quanto à sua formação, quanto aos seus pais, quanto à sua situação económica e até fala do seu aspecto físico. Relativamente a este último aspecto, na dedicatória que faz da sua obra *De Architectura* ao imperador César Augusto, descreve-se como sendo de “baixa estatura” e, na altura em que escreve tal dedicatória, informa que “o seu rosto se encontrava desfeado pela idade e que a doença lhe havia já subtraído as forças” (Vitrúvio, [s.d., séc. I a.C.] 2006, p. 11).

A sua obra constituída por dez livros é a primeira teorização organizada sistematicamente sobre arquitectura, urbanismo, construção, e engenharia. Através dos índices dos dez livros, podemos avaliar da riqueza do seu conteúdo e ficamos deslumbrados com os seus conhecimentos e com a clareza e precisão das suas informações. Não admira pois que tenha exercido enorme influência nos arquitectos da Renascença, principalmente através da versão que fez dessa obra Leão Baptista Alberti, em 1452.

É bom recordarmos também que Alberti, grande erudito da Renascença, formado pelas universidades de Pádua e Bolonha, com uma extraordinária formação humanista, gramático, teórico da arte, secretário papal, conselheiro em diversas cortes principescas de Itália, abraçou a arquitectura, quando já tinha quarenta anos, como coroa do seu saber e da sua actividade. Compreende-se por isso, que coincida com Vitruvius, seu mestre dos tempos da Roma Antiga, no seu apreço à arquitectura e à pessoa do arquitecto. A este respeito, Alberti pensa e escreve que o arquitecto deve ter uma educação muito ampla, pois “a arquitectura é uma ciência muito nobre, não ao alcance de todas as cabeças”. Diz mesmo que deve ser “um homem de génio fino, de grande aplicação (...) aquele que presuma declarar-se arquitecto”.

Não queremos afastar-nos de Vitróvio, o nosso arquitecto romano, sem fazermos ainda duas observações a seu respeito. A primeira é a sua empatia com a arquitectura que ele analisa e interpreta, sentindo-a como uma engrenagem que deve existir entre as diversas partes do edifício e da cidade que evoca a harmonia entre os membros do corpo “humano bem formado”. É esta harmonia que o leva a sentir como mais ninguém a beleza do templo grego, onde tudo tem de estar devidamente integrado.

São estas ideias e ensinamentos de Vitróvio que prevaleceram na Renascença e encontram a expressão visual na figura paradigmática que lhe deu Leonardo Da Vinci, ao interpretar o capítulo I do livro III do *De Architectura* (Vitrúvio, [s.d., séc. I a.C.] 2006). Efectivamente o *Homo Vitruvianus* de Leonardo, de 1490, é uma interpretação do texto de Vitróvio que descreve um homem bem proporcionado, que, ao estender os braços e as pernas, desenharia as duas figuras geométricas mais perfeitas: o círculo e o quadrado (Kostof, [1985] 1988, p. 337; Vitróvio [s.d., séc. I a.C.] 2006, p. 109).

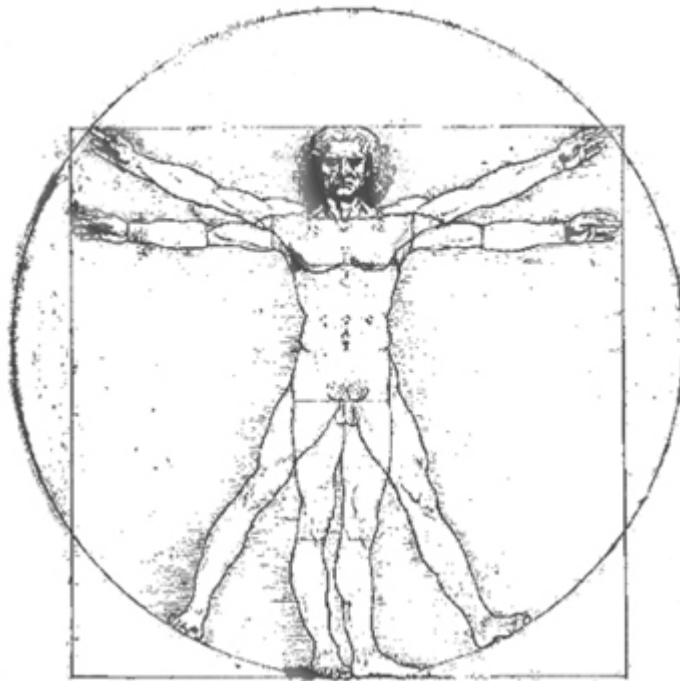


Figura 7 – Homo Vitruvianus

A segunda observação que se deve registar, refere-se à formação que ele propõe para o arquitecto. Assim escreve no primeiro livro:

Como, pois, esta tão importante disciplina é ornada e enriquecida de variadas e numerosas erudições, julgo que, de um modo justo, os arquitectos não deveriam poder formar-se como tal de um momento para o outro, antes só o deveriam ser aqueles que desde meninos subindo por estes degraus das disciplinas e alimentados pela ciência

da maioria das letras e das artes, atingissem o altíssimo templo da arquitectura (Vitrúvio [s.d., séc. I a.C] 2006, p. 30).

Entre os arquitectos conhecidos da antiga Roma, distingue-se também o nome de Rabírio, que esteve ao serviço do imperador Domiciano (81-96). Convém indicar-se desde já o nome do imperador, pois na Antiguidade o nome do arquitecto tem de se associar habitualmente ao nome do soberano ou do patrão que encomenda a obra. Este imperador impôs de forma especial o culto da personalidade e, com ele, o principado foi-se transformando em monarquia absoluta.

A escolha do local da residência imperial tinha particular importância dentro deste conceito de afirmação do poder. Ora a família imperial possuía uma enorme propriedade no monte Palatino, onde havia começado a história de Roma, a Roma quadrata, que nos leva às origens da cidade com Rómulo e Remo. Ali tinha vivido Augusto numa residência modesta, mas agora com Domiciano, considerou-se que seria importante construir um grande complexo para a corte. Rabírio foi o arquitecto responsável por tais obras que ocuparam parte do Palatino, a colina sagrada, e parte do Capitólio. O edifício iria ter fachadas para o foro que está ao fundo da encosta e outras para o Circo Máximo, para que o imperador pudesse assistir aos jogos e espectáculos no Circo sem ter de sair da sua residência.

No projecto de Rabírio, o edifício teria duas partes paralelas: a Domus Flavia que era a residência oficial e a Domus Augustana, de carácter mais privado, destinada ao imperador e seus familiares. A fachada que dava para o Circo Máximo tinha à frente magníficos jardins para deleite do imperador e dos membros da corte. Rabírio soube combinar na sua obra elementos da arquitectura helenística, própria do primeiro século em Roma com outros que começaram a impor-se e iriam predominar na arquitectura romana, como são o arco e a abóbada. No palácio que foi inaugurado no ano 92 d.C (Kostof, [1985] 1988, p. 356 e 367), pode verificar-se que o uso do arco e da abóbada começava a generalizar-se na arquitectura romana, em contraste com a arquitectura

arquitravada de uso habitual até então.

Um outro imperador romano que deixaria o seu nome associado a grandes obras arquitectónicas foi sem dúvida Trajano. Tendo nascido nas proximidades de Sevilha, haveria de distinguir-se nas suas campanhas militares principalmente na Dácia. Ao terminar a conquista dessa região no ano 107, Trajano acrescentou ao seu nome o apelido de Dácio. Com a sua ascensão ao trono imperial no ano de 98, iniciava-se uma nova dinastia cheia de prestígio. Não é exagero afirmar-se que Roma atingiu o auge do seu esplendor com Trajano na organização interna, na extensão territorial, e na construção de grandes obras arquitectónicas por todo o império e especialmente em Roma.

Vamos apenas recordar duas dessas obras que, só por si, bastariam para o imortalizar: a ponte de Alcântara na província da Hispânia e o fórum que conserva o seu nome, em Roma. A ponte de Alcântara, sobre o rio Tejo, tem seis arcos e ergue-se 48 metros acima da superfície das águas. É obra do arquitecto Caius Julius Lacer. O forum de Trajano em Roma com a magnífica coluna de homenagem ao imperador deve-se ao arquitecto Apolodoro de Damasco. Foi efectivamente esse arquitecto que se encarregou de planear a obra grandiosa do forum que mantém o nome do imperador e bem assim da coluna de Trajano, que felizmente está bem conservada. Todo este conjunto constitui a expressão da pujança e prosperidade de Roma naquela época.



Figura 8 – Coluna de Trajano em Roma

Uma palavra especial é devida à coluna que está assente sobre um pódio e tem a altura de cerca de 30 metros. É recoberta por uma banda de relevos com mais de 200 metros de comprimento. Disposta em espiral, contém 2500 figuras que descrevem as campanhas militares de Trajano contra os Dácios. Não é fácil nem necessário referir aqui em pormenor todas as cenas de guerra aí representadas nem fazer alusão a todas as informações que daí se podem retirar para a história militar da época. Recordemos por curiosidade que aí aparecem representados, entre outros, alguns soldados da Lusitânia. Aliás sabemos que os generais romanos usaram nas suas campanhas militares, e não só na Dácia, soldados e cavalos que levavam da Lusitânia. As diversas

cenar têm um elemento de coesão na figura do imperador, que aparece repetidas vezes a oferecer sacrifícios aos deuses, a falar às tropas, a usar clemência para com os vencidos, etc. A coluna recoberta de cenas militares encimada pela estátua desse grande imperador (substituída em 1587 por uma estátua de S. Pedro) tem indiscutivelmente o impacto de um filme de propaganda da política do imperador. Ele é o divino, o semper invictus, o providentissimus princeps (Tavares, 1988, p. 112).

A grandeza deste monumento, o fórum com a coluna, entusiasmou toda a Antiguidade e épocas posteriores. Conta-se que o Papa Gregório Magno (590-640), durante uma procissão que fez ao Fórum de Trajano, ficou tão impressionado com tanta grandeza e beleza que fez uma oração pelo seu construtor Apolodoro de Damasco, que fora um pagão, suplicando a Deus que o libertasse dos suplícios eternos. Tão excelsa maravilha merecia de Deus a misericórdia para um pagão.

Síntese conclusiva

Recordámos os nomes dos primeiros arquitectos que a História registou e tivemos oportunidade de indicar as suas obras de referência. Pudemos verificar que todos estiveram ao serviço do poder constituído, sem que tal situação lhes tivesse diminuído a sua própria criatividade e capacidade de inovação. A arquitectura que praticaram é expressão da sociedade e das circunstâncias concretas e contexto histórico em que viveram.

Cada um deles deu o seu contributo para o património colectivo que se foi transmitindo às diversas gerações. Não é nosso objectivo demorarmo-nos nesta análise, embora o tema mereça ser desenvolvido oportunamente. Salientamos apenas pontos fundamentais dessa antiga herança:

O primeiro arquitecto, Imhotep foi inovador ao construir a primeira pirâmide em forma

escalonada, usando a pedra em vez do tijolo. Ineni, ao serviço de Tutmósis I, deixou no templo de Karnac, na gigantesca sala hipostila um sistema de iluminação actualmente designada de clerestórica que corresponde na prática àquela que resulta das janelas do andar superior das igrejas medievais e vai incidir na nave central. Senmut, o arquitecto favorito da rainha-faraó Hatshepsut, construiu o grande templo funerário em Deir el-Bahari na encosta rochosa, como se fosse o prolongamento da própria montanha. O acesso é feito por uma rampa que conduz a um terraço com uma extensa fila de colunas, designadas habitualmente por proto-dóricas, que constituem uma verdadeira inovação. A coluna não tem base e termina com uma espécie de almofada quadrada em vez do capitel dórico na arquitectura grega. São colunas diferentes das conhecidas colunas egípcias palmiformes, papiriformes ou lotiformes e mais próximas das colunas dóricas que viriam a ser usadas na Grécia. Quando falámos de Gudeia na Mesopotâmia, vimos o príncipe com o plano de um templo que pretendia construir e somos informados por uma inscrição do estudo que ele fez do local, pois devia coincidir com a vontade do deus. Assim o exigia a arquitectura religiosa. Na Grécia, vimos os arquitectos do Pártenon, Ictinos e Calícrates, preocupados com beleza da colonata exterior e a recorrerem a uma técnica muito fina da entasis, com o engrossamento do fuste da coluna ou o adoçamento em curva da linhas recta para provocar em efeito óptico que cria harmonia no conjunto. Admirámos Policleto, escultor e arquitecto pela sua perícia em conseguir um excepcional resultado, na acústica do teatro do Epidauro. Recordámos também Teodoro de Samos e a ajuda que prestou a Kersifron quando este precisou de informações para construir em lugar pantanoso o templo de Artemisa, em Éfeso. Ainda na região oriental da Grécia, registámos a importância do arquitecto e urbanista Hipódamo de Mileto a quem se deve a chamada planta hipodâmica das cidades.

Em Roma, falámos de Rabírio, arquitecto ao serviço do imperador Domiciano que desenvolveu a arquitectura arqueada no palácio imperial, que iria impor-se na arquitectura romana e em toda a Idade Média. Apolodoro de Damasco seria o famoso

arquitecto de Trajano, que ficou imortalizado pelo forum e coluna que conservam até hoje o nome do imperador.

Mereceu-nos também uma particular referência Vitruvius, arquitecto romano do primeiro século da nossa era. Foi ele o grande tratadista que influenciou de forma determinante a arquitectura do Renascimento. Temos por isso razão para concluir que a primeira página da História da Arquitectura não faz parte de um arquivo morto. Contém um legado que se mantém. Há mensagens desse passado remoto que valem na actualidade.

Figuras:

Figura 1 – VIDAL-NAQUET, P. e BERTIN, J. (1992). Atlas histórico. Lisboa: Intercultura. p. 26.

Figuras 2, 5 e 8 – Glancey, (2001, p. 21; p. 24; p. 34).

Figura 3 – AAVV. (2006). Grande história universal, vol. 3; Alfragide: Ediclube. p. 93.

Figura 4 – AAVV. (1998). Les antiquités orientales. Paris: Louvre. p. 46.

Figuras 6 e 7 – (Kostof, ([1985] 1998, p. 250; p. 337).

Referências:

GLANCEY, J. (2001). Histoire de l'architecture. Paris: Sélection Readers Digest.

KOSTOF, S. ([1985] 1988). História de la arquitectura, vol. 1. Madrid: Alianza Editorial.

TAVARES, A. A. (1988). Impérios e propaganda na antiguidade. Lisboa: Presença.

TAVARES, A. A. (1995). Civilizações pré-clássicas. Lisboa: Universidade Aberta.

VITRÚVIO ([s.d., séc. I a.C.] 2006). Tratado de Arquitectura. Lisboa: IST Press.